

8.01.99 – Linguística.

DE UM PAPA A OUTRO: RECONFIGURAÇÕES DA MEMÓRIA DO DISCURSO PSICANALÍTICO NO INTERIOR DO DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO.

Laelson Matos Ribeiro Júnior^{1*}, Edvania Gomes da Silva²

1. Mestrando do PPGMLS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

2. Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora e Pesquisadora do DELL – UESB/ Orientadora

Resumo

Objetivamos, neste trabalho, analisar de que forma uma certa memória do discurso psicanalítico emerge e se reconfigura no interior do discurso religioso católico. Para tanto, constituímos nosso *corpus* de análise a partir de dois pronunciamentos do Papa Pio XII, um deles realizado em 1952 e o outro em 1953, juntamente a um grupo de entrevistas concedidas pelo Papa Francisco em 2016. Amparamo-nos no referencial teórico desenvolvido por Foucault a respeito das ordens do discurso e da constituição dos saberes. As análises nos permitem afirmar que, no discurso materializado nos pronunciamentos do Papa Pio XII, a psicanálise é rechaçada em um duplo registro: como ferramenta clínica e como prática que viola uma moral cristã. No entanto, do discurso que se materializa por meio das entrevistas do Papa Francisco, a memória do discurso psicanalítico emerge reconfigurada, de modo que seu valor terapêutico é restituído e estendido ao homem cristão.

Palavras-chave: Foucault; Saber-poder; Psicanálise.

Apoio financeiro: FAPESB.

Introdução

Nos anos de 1952 e 1953, o então Papa em exercício, Pio XII, realizou dois pronunciamentos – um em cada ano citado – nos quais a natureza da psicanálise era tematizada de modo central. A partir dos pronunciamentos do referido pontífice, a teoria freudiana era recriminada: por um lado tinha sua importância como método terapêutico, e seu suposto valor de “cura”, posta sob questionamento, e, por outro lado, era discursivizada como uma prática a partir da qual uma certa moral era violada.

Mais de seis décadas depois, mais especificamente no ano de 2017, o Papa Francisco concedeu uma série de entrevistas ao sociólogo francês Dominique Wolton. Francisco aborda, nas muitas entrevistas que concedeu, um leque bastante variado de assuntos, de modo que nem mesmo a psicanálise escapa de ser, mesmo que brevemente, tematizada. O referido pontífice apresenta uma visão da psicanálise muito distinta daquela que havia sido defendida por seu predecessor, enunciando que ele mesmo, Francisco, havia se consultado com uma psicanalista.

Com base nos pronunciamentos desses dois Papas, em momentos distintos da história, uma certa memória do discurso psicanalítico é arregimentada e reconfigurada. Objetivamos, neste trabalho, analisar a emergência dessa memória do discurso psicanalítico no interior do discurso religioso católico, buscando pensar sua caracterização e as especificidades de sua reconfiguração.

Metodologia

O presente trabalho seguiu as seguintes etapas: i) inicialmente, realizamos leitura e revisão de alguns trabalhos elaborados por Michel Foucault, principalmente no que diz respeito à constituição dos discursos (2002 [1969]) e seus mecanismos de controle no interior das sociedades (2007 [1971]); ii) elegemos o “Discurso del Santo Padre Pío XII a los participantes en el I congreso internacional de histopatología del sistema nervioso” (PIO XII, 1952), o “Discurso del Santo Padre Pío XII a los participantes en el V congreso internacional de psicoterapia y de psicología clínica” (PIO XII, 1953) e o livro “O futuro da fé: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton” (FRANCISCO, 2018) como fontes a partir das quais comporíamos o *corpus* a ser analisado; iii) fizemos leitura, seleção e catalogação destas fontes, constituindo o *corpus* de análise; iv) analisamos os dados com base nos objetivos do trabalho e na proposta teórico-metodológica de uma análise do discurso tal qual pensada e apresentada por Foucault nos trabalhos referidos; v) por fim, realizamos a discussão dos resultados e elaboramos as conclusões da pesquisa.

Resultados e Discussão

Pio XII, em 13 de setembro de 1952, em um pronunciamento feito aos participantes do “I congreso internacional de histopatología del sistema nervioso”, repudiou o papel da sexualidade na psique humana, tendo como base uma crítica ao suposto “pansexualismo” da psicanálise freudiana. Em um trecho do referido pronunciamento, lemos:

Excerto nº. 1:

Não se tem provado, e é inexato, que o método pansexual de certas escolas de psicanálise seja uma parte integrante indispensável de toda psicoterapia séria e digna deste nome; o fato é que, no passado esquecido, este método tenha causado graves prejuízos psíquicos, erros na doutrina e nas aplicações na educação, na psicoterapia e não menos no pastorado (PIO XII, 1952, n.p., tradução nossa).

O pronunciamento do Papa Pio XII nos apresenta uma dupla injunção: em um primeiro momento, questiona a natureza de prática terapêutica da psicanálise, afirmando que o pansexualismo que lhe constituiria não representa uma propriedade necessária de algo que poderia ser marcado enquanto uma “psicoterapia séria e digna deste nome”. Num segundo momento, a fala do Papa vai além, e marca a psicanálise não apenas como uma prática que não é digna do nome “psicoterapia”, mas a inscreve também como um elemento perigoso do qual se deveria desviar, como método causador de graves prejuízos psíquicos.

Esta injunção, para afastar-se da psicanálise, valeria para todos os sujeitos, mas, sobretudo, para o homem cristão. Isto, porque, ainda de acordo com Pio XII, para “o cristão existe uma lei de integridade e de pureza pessoal, de estima pessoal de si mesmo, que proíbe submergir-se tão profundamente no mundo das representações e das tendências sexuais” (PIO XII, 1952, n.p., tradução nossa).

No ano seguinte, em 1953, o Papa volta a discutir a utilização da psicanálise – pautada em um método de cura cortado de uma ponta a outra pela sexualidade – por cristãos. Em dado trecho do pronunciamento, ele afirma que:

Excerto nº. 2:

Quanto ao uso do método psicanalítico no campo sexual, nosso pronunciamento de 13 de setembro [...] indicava seus limites morais. Com efeito, não se pode considerar, sem mais, como lícita a evocação à consciência de todas as representações, emoções e experiências sexuais que dormiam na memória e no inconsciente, e que se fazem reais no psiquismo. Se forem ouvidos os protestos da dignidade humana e cristã, quem correrá o risco de fingir que este procedimento não acarreta nenhum perigo moral, imediato ou mediato, na medida em que, mesmo quando haja necessidade terapêutica de uma exploração sem limites, tal necessidade não está, quanto ao resto, provada? (PIO XII, 1953, n.p., tradução nossa)

O pronunciamento do Papa Pio XII reafirma integralmente a crítica realizada no ano anterior, a partir da qual o discurso psicanalítico tem seu estatuto de ferramenta terapêutica questionado e é discursivizado como uma prática cujos métodos representam uma ameaça aos cristãos. No entanto, aqui o Papa insere a instância moral como elemento fundamental. Não se trata mais de a psicanálise representar apenas um perigo para o psiquismo, mas também para a integridade moral (e também espiritual) do homem cristão. O método freudiano é, assim, questionado em um duplo registro: quanto a sua validade como forma de terapêutica e como prática que viola uma moral.

O homem cristão deveria se manter afastado da psicanálise e de seus perigos, mesmo se a prática psicanalítica pudesse lhe servir como uma terapêutica de fato. Isto se justificaria na medida em que o ser humano estaria ligado àquilo que o pontífice nomeia de “teleologia imanente”, de modo que o homem não é dono de si mesmo e nem de seu corpo, e que, muitas vezes, “não tem de modo algum direito de dispor de seus segredos” (PIO XII, 1953, n.p., tradução nossa).

Em um determinado trecho do pronunciamento de 1952, podemos ver essa posição ser teologicamente justificada quando as acepções morais constitutivas do cristão são tematizadas:

Excerto nº. 3:

O paciente, por sua parte, não pode conferir mais direito do que aqueles que ele mesmo possui. [...] no que concerne ao paciente, ele não é dono absoluto de si mesmo, de seu corpo, de seu espírito. Não pode, portanto, dispor livremente de si mesmo, como lhe agrada. [...] O paciente é ligado à teleologia imanente estabelecida pela natureza (PIO XII, 1952, n.p., tradução nossa).

Desse modo, submeter-se a uma prática, como a psicanálise, que traz consigo a implicação de mergulhar em questões inconscientes, seria ultrapassar certos limites éticos, morais e espirituais próprios do homem. Podemos dizer que o pronunciamento materializa uma forma de ser religioso para a qual as atitudes e os posicionamentos estão sempre ligados a uma força superior, uma moral que transcende o limite do homem e se insere num campo muito maior do que o da simples existência física e psíquica do ser humano.

Esta posição específica do discurso religioso católico em relação ao saber psicanalítico tem sua reconfiguração materializada no discurso do Papa Francisco (2018). Em entrevista concedida ao sociólogo Dominique Wolton, publicada no livro “O futuro da fé” (FRANCISCO, 2018), o atual pontífice da Igreja Católica, apesar de não dedicar pronunciamentos inteiros à questão da psicanálise, a trata de uma maneira bastante

distinta daquela que era feita por Pio XII. Em trecho selecionado da entrevista, podemos ler o seguinte:

Excerto nº. 4:

Os [psicanalistas] que conheci me ajudaram muito num momento da minha vida em que precisei consultá-los. Consultei uma psicanalista judia. Por seis meses, fui ao seu consultório uma vez por semana para esclarecer certas coisas (FRANCISCO, 2018, p. 244).

Embora a fala do Papa Francisco não esteja tão centrada no discurso psicanalítico e em seu valor terapêutico e moral, como vimos no caso de Pio XII, o pronunciamento do atual pontífice marca uma reconfiguração da memória do discurso psicanalítico no interior da ordem discursiva religiosa, dando indícios importantes de mudanças em seu funcionamento.

Há duas razões particulares para que façamos tal afirmação: a primeira diz respeito ao fato de que estamos entendendo, neste trabalho, a Igreja Católica como uma ordem discursiva aos moldes foucaultianos (2007 [1971]). Isto significa dizer que a posição do Papa é uma posição enunciativa, a partir da qual emerge um discurso cortado pelas dinâmicas discursivas e institucionais. Nesse ponto, há o surgimento de uma voz sem nome, de modo que o discurso que se materializa não é a fala de Jorge Mario Bergoglio, mas o discurso constitutivo da ordem discursiva na qual ele está inserido.

O segundo aspecto, absolutamente conectado ao primeiro, diz respeito àquilo que Foucault (2007 [1971]) chamou, teorizando sobre os mecanismos de controle do discurso, de mecanismos de rarefação dos sujeitos. Segundo o referido autor, para além dos mecanismos internos e externos de controle dos discursos, existe um terceiro grupo de procedimentos. Mas, neste caso, não se trata de dominar os poderes que os discursos têm, ou mesmo de ser capaz de conjurar os acasos de suas emergências, “trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles” (FOUCAULT, 2007 [1971], p. 36-37). Neste grupo de procedimentos, Foucault (2007 [1971]) afirma, vemos a rarefação, mas, dessa vez, rarefação dos sujeitos que falam. No fim, pontua o referido autor, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (2007 [1971], p.37).

Se, desse modo, assumimos Foucault (2007 [1971], 2002 [1969]) como referência, não pensaremos o Papa como um sujeito pragmático, e sim como uma função enunciativa no interior de uma ordem de discurso. Podemos afirmar, também, que ocupar esse espaço é algo que só é permitido pela ordem na medida em que aquele que ocupa esse espaço atende a determinadas exigências. Isto implica dizer que a fala do Papa ultrapassa os limites de um indivíduo que enuncia, e marca os movimentos de uma série bastante ampla de relações interdiscursivas que se dão no interior da ordem discursiva que é a Igreja Católica.

Assim, o discurso materializado na fala do Papa Francisco reconfigura a memória do discurso psicanalítico no interior do discurso religioso. Enquanto Pio XII questionava a validade da teoria psicanalítica como método terapêutico, no enunciado que emerge através das formulações de Francisco, o valor terapêutico é restituído, uma vez que o próprio pontífice afirma ter recorrido ao saber psicanalítico para “esclarecer certas coisas”.

Contudo, mesmo concedendo certa legitimidade à prática da psicanálise, Francisco afirma ter conhecido “[...] psicanalistas que eram muito humanos, muito abertos ao humanismo e ao diálogo com as outras ciências também, com a medicina” (2018, p. 244). Tal excerto indica que, para o referido papa, há psicanalistas abertos ao humanismo e ao diálogo com outras ciências, dentre as quais ele cita a medicina, assumindo o discurso desta como ciência. Ou seja, ser um psicanalista humanista e que dialoga com as ciências é, na formulação acima, uma espécie de concessão, de exceção à regra, que seria uma prática psicanalítica distinta tanto do humanismo quanto da ciência. Há, portanto, a retomada de uma memória religiosa que critica a psicanálise, não com o radicalismo de Pio XII, mas também baseada em um saber-poder que faz funcionar certo número de regras, assim como defende Foucault (2007 [1971]).

Em outro trecho de sua entrevista, ainda fazendo referência às consultas realizadas com uma psicanalista judia, podemos ler a seguinte afirmação do Papa Francisco:

Excerto nº. 5:

Ela [a psicanalista judia em questão] era muito boa. Muito profissional como médica e como psicanalista, mas sempre ficou em seu lugar [...]. Uma pessoa excelente. *Durante seis meses, ela me ajudou muito.* Na época, eu tinha 42 anos (FRANCISCO, 2018, p. 244, grifo nosso).

O texto do Papa Francisco faz referência, mais uma vez, à psicanálise como uma prática que possui certo valor clínico terapêutico, mostrando que há uma reconfiguração da psicanálise no âmbito do discurso religioso, se compararmos esse trecho com os textos de Pio XII. A psicanálise que antes era postulada como uma teoria que, em sua constituição, afrontava a moral e não deveria ser usada como terapia, agora é apresentada, pelo atual pontífice, como uma ferramenta útil para lidar com questões pessoais de ordem psíquica. A memória do discurso psicanalítico é, assim, rearranjada.

Trata-se de restituir um suposto valor da psicanálise para o homem cristão. Nesse caso, por meio da

experiência de Francisco, a teoria psicanalítica é discursivizada como uma ferramenta que pode ser utilizada pelo cristão para que este esclareça alguma questão sobre si mesmo. Esta utilização do método psicanalítico, confessada por aquele que hoje é Papa, reconfigura a memória do discurso psicanalítico, retirando deste o estatuto de prática que atenta contra uma moral.

Vale notar como a posição do sujeito que fala é de fundamental importância para marcar a reconfiguração da memória do discurso psicanalítico a qual estamos nos referindo. Trata-se da fala de um papa, o que coaduna com as exigências da ordem do discurso religioso. A entrevista concedida pelo Papa materializa relações interdiscursivas que reconfiguram a relação do discurso religioso com uma série de saberes que lhe atravessam, inclusive o psicanalítico.

Conclusões

Tanto a entrevista concedida pelo Papa Francisco quanto os pronunciamentos realizados pelo Papa Pio XII materializam relações interdiscursivas que reconfiguram a relação do discurso religioso católico com uma série ampla de saberes que lhe atravessam e contribuem, em dada medida, para sua constituição – inclusive o psicanalítico.

A partir daquilo que foi exposto, podemos defender que há uma memória do discurso psicanalítico que atravessa o discurso religioso católico, tendo uma emergência específica no discurso que se materializa nos pronunciamentos do Papa Pio XII (1952, 1953) e uma reconfiguração que se materializa na entrevista concedida pelo Papa Francisco (2018). Nas formulações de Pio XII, a psicanálise é questionada em um duplo registro: por um lado era desacreditada quanto à sua função terapêutica e, por outro, apresentada como método que, por violar uma moral imanente do humano, deveria ser evitado.

No entanto, naquilo que se refere às formulações do Papa Francisco (2018), uma certa memória do discurso psicanalítico tem sua reconfiguração marcada. O que se materializa no discurso do atual pontífice é uma determinada concepção da psicanálise na qual seu estatuto de teoria que viola uma moral cristã é rearranjado, de modo que a teoria fundada por Freud não é mais designada, em linhas gerais, como uma ameaça. Aliado a isto, o valor da psicanálise, como ferramenta terapêutica, sobretudo para o homem cristão, é reconhecido, mesmo que com base em certas regularidades, como, por exemplo, conceber a psicanálise como algo que pode ser “até” bom, mas que, de forma geral, distancia-se tanto do humanismo quanto da ciência.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A verdade e as formas jurídicas** (1973). Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **A ordem do discurso** (1971). São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **A arqueologia do saber** (1969). 6ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRANCISCO, Papa. **O futuro da fé: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton**. Rio de Janeiro: Petra, 2018

PIO XII, Papa. **Discurso del Santo Padre Pío XII a los participantes en el i congreso internacional de histopatología del sistema nervioso** (14 de setembro de 1952). Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19520914_istopatologia.html>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

PIO XII, Papa. **Discurso del Santo Padre Pío XII a los participantes en el v congreso internacional de psicoterapia y de psicología clínica** (13 de abril de 1953). Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1953/documents/hf_p-xii_spe_19530413_psicoterapia.html>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.